

EVENTOS ESPECIAIS



AULA MAGNA

O UniBrasil é uma instituição ciosa da qualidade de seus cursos, reconhece a importância da educação de excelência para o desenvolvimento social e econômico brasileiro, e valoriza também as atividades extraclasse. Nesse propósito, costuma convidar para ministrar as Aulas Magnas de seus cursos pessoas de grande relevância e respeitabilidade em suas respectivas áreas, que venham efetivamente a colaborar no processo de formação de seus estudantes.

Aula Magna inicialmente denominava a aula inaugural de um curso superior, a primeira de um período. O termo, superando este significado, assume seu papel estrito; o adjetivo “magna” aplica-se a algo de grande importância. Essas aulas, ainda que não guardem necessariamente relação direta com o currículo formal do curso, expressam parte notável de sua essência e filosofia.

CHRISTIAN DUNKER:

Lutos Finitos e Lutos Infinitos: o trabalho de dizer adeus

A convite do curso de Psicologia para sua Aula Magna, Dunker ministrou a palestra Lutos finitos e lutos infinitos: o trabalho de dizer adeus. Apresentou uma trajetória no conceito psicanalítico de luto e o trabalho psíquico que o 'eu' é convocado a realizar diante das perdas. Uma proposta inovadora de trabalho que amplia a compreensão de superação do luto: o excesso teórico de enfoque no 'eu', ligado a princípios de síntese, ampliado com a compreensão do que seria uma dissolução do 'eu'.

Christian Ingo Lens Dunker é psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da USP. Suas pesquisas sobre o estatuto psíquico e social do sofrimento têm gerado intervenções públicas e reformulações nas práticas clínicas.

O luto convoca um trabalho psíquico do 'eu' sobre suas perdas e afeta todas as subjetividades em algum momento da existência. Dunker iniciou dizendo haver um excesso de 'eu' no modelo psicanalítico do trabalho de luto. Inicialmente, o 'eu' tem que se dar conta do que aconteceu, portanto, superar a negação desta perda. Num segundo momento, o das identificações alternantes, o 'eu' se culpa de não ter amado suficientemente e se sente fracassado enquanto aquele que onipotentemente não pode proteger o outro. Nesta fase há uma espécie de obsessão em saber quem é o culpado. É também o momento da ambivalência de afetos no qual o 'eu' culpa o objeto perdido como traidor, 'se ele me deixou é porque não me amava'.

Há também a fase de investigação psíquica sobre a perda: 'o que perdi naquilo que perdi, qual o valor simbólico daquilo que perdi?'. A solução final do trabalho de luto é fazer o objeto perdido, parte de si. 'A pessoa que se foi agora é parte de mim, eu posso continuar minha jornada porque eu a tenho dentro de mim e ela vai ficar tão melhor acomodada dentro de mim quanto mais sintéticos forem os traços que eu produzi dessa

AUTORA:

MARIA VIRGÍNIA CREMASCO
DOUTORA EM SAÚDE MENTAL, COM
PÓS-DOUTORADO NA UNIVERSITÉ
PARIS 7, PROFESSORA DO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA
UFPR.





Christian Dunker.

pesquisa sobre quem é ela para mim. Se eu fizer uma pesquisa rápida, vou levar um objeto pesado, cheio de caprichos, contornos. Se eu for reduzindo mais e mais, se ela se tornar um objeto menos pesado para eu transportar dentro do 'eu', ela se torna um traço que me enriquece'. A hora que isso acontece, o luto termina. Uma história que resume bem esse processo é da viúva de Winnicott, que foi um psicanalista super criativo que tinha uma vida muito infeliz, casado com uma primeira mulher que, aparentemente possuía, segundo alguns autores, uma grave perturbação de ordem psíquica. Em 1951, casou-se com Claire, com quem ficou casado até sua morte, em 1971. Um casamento descrito por eles e por amigos como sendo de muita riqueza, cumplicidade e alegria. Claire, após um doloroso trabalho de luto pela morte de Winnicott, teve um sonho de caráter realístico, como se estivesse mesmo vivendo o sonho e, no entanto, há uma coisa estranha

que se revela quando Winnicott vira para ela, no sonho, e lhe diz: "Ah, é claro, estou morto!". Nesse momento, Claire acorda e diz, "acabou!". Algo como 'não tenho mais pesar, eu tenho saudade. Eu posso sentir saudade, eu posso falar sobre ele, eu quero reviver e compartilhar tudo isso que a gente viveu'. A partir desse sonho, ela escreveu um texto que simboliza o trabalho realizado de superação da perda.

O trabalho de luto é, portanto, o trabalho de simbolização de uma perda. Mas é também um dispositivo psíquico de subjetivação. A criança tem que fazer o luto quando deixa de ser bebê. A gente faz o luto quando muda de cidade, quando é despedido, quando o grande amor se dissolve; acontece com o luto, portanto, algo parecido com o trauma e seus desdobramentos. A solução de um luto é o encadeamento desse luto com outros lutos já vividos anteriormente. Tem a ver, portanto, com a história de vida de

um sujeito e, de um luto mais distante; tem a ver com a história de uma comunidade. Por isso que o trabalho de luto é individual, mas também é coletivo, depende da forma como o meio em que vivemos trabalha com suas perdas e as simboliza. É um trabalho de ressignificação de uma perda, mas também de criação de um laço novo, no social.

Quando o luto termina é o momento em que há um efeito psíquico que é o riso, a piada, como no sonho de Claire. O humor é o melhor jeito de driblar o 'supereu'. É como se o 'eu' entregasse uma versão de si mesmo ao 'supereu' que o come numa versão de síntese e o deixa em paz. De novo a presença do 'eu', o luto enquanto um trabalho constante que vai ligando a simbolização de si é também um ato. Como ato, termina um modo de relação e começa outra coisa. O encerramento do luto produz uma espécie de enquadre do objeto, é o equivalente da decisão do artista quando, após a última pincelada, coloca o quadro na parede e diz, agora está finito, é feita a separação. Essa descrição de trabalho de luto faz parte do que Elizabeth Kluber-Ross se refere às cinco fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A autora, ao mesmo tempo que diz que sabe que é assim que acontece - ao final do trabalho de luto, a aceitação e o 'eu' se enriquece - diz não saber, contudo, como isso se dá nem como ajudar os pacientes a chegarem neste ato de aceitação da perda, aquele enquadre, o final do trabalho do luto. Para Dunker, isso tem a ver com um problema metapsicológico, com um problema de fundamento, do ponto de partida, que considera ser o excesso de 'eu' na teoria do luto: fazer o luto é tornar o 'eu' mais rico.

No fundo, há um luto fundamental, que

atravessamos no Complexo de Édipo e que tem a ver com a confrontação com o outro, com a lei, com o pai. É o que repete o parricídio que deu origem às civilizações. Uma vez morto o pai, o que fazemos é comê-lo, ingeri-lo. Há um paradigma alimentar atravessando o luto. O laço social é, portanto, totemista: matamos e comemos o totem, ficamos mais poderosos. Isso é o canibalismo, há uma metaforização do outro nesse modelo.

Dunker se questiona se todos os lutos seguem esse modelo totêmico e cita a clínica, na qual alguns pacientes permanecem em luto sem necessariamente estarem em depressão ou melancolia. Casos em que não há uma patologia do luto enquanto negação da realidade da perda ou mesmo uma identificação negativa com culpa ou com o objeto perdido negativizado. O fato é que nem todos os processos de luto são totemistas, nem todo canibalismo acontece dessa forma. Somos uma cultura antropófaga, que incorpora as qualidades daquele que é comido. Quando se mata o outro, se ganha as palavras do outro, isso que se trata a colonização do outro: comer as palavras do outro. E temos essa herança em nossa cultura e na forma com que lidamos com nossas perdas.

No entanto, existem povos indígenas do alto do Xingu, por exemplo, que têm um rito funerário completamente oposto ao 'matei, comi, digeri e simbolizei'. Quem mata é o Xamã e quando ele mata o outro, ele tem que fazer uma viagem que é contada desde o ponto de vista do outro, no qual faz a narração fora de si mesmo, não como uma assimilação do outro em si, mas num desmanchar-se de si e despossuir-se do outro. Como uma perda

da 'identidade pessoal', num devir. Deixar de possuir o outro.

Isso que parece empacar nos lutos infinitos pois quanto mais 'eu' incorporo, mais assimilo, mais existe o 'eu'. E o caso alternativo, chamado perspectivismo ameríndio aqui exposto, é o caso que faz deste processo de luto um momento em que há a experiência de uma 'dissolução do eu', ao invés de um 'novo eu' a partir da perda.

Nesse perspectivismo, há uma desconstrução crítica do conceito ocidental de eu, enquanto determinação identitária e unidade sintética. Esse parece ser um subsídio teórico muito caro a Jacques Lacan, para o qual a análise é uma experiência não de engrandecimento, racionalização, organização ou desangustamento do 'eu', mas de dissolução do 'eu'.

Não se trata da perda do 'eu', de Luto e Melancolia de Freud, da hemorragia

libidinal na qual a sombra do objeto recai sobre o 'eu', mas de 'dissolução do eu', uma experiência distinta da 'perda do eu' da melancolia. Lacan fala da experiência analítica como sendo dessa ordem, do limite da despersonalização – justamente questionando o caráter repressivo da identidade, enquanto constituição social do eu.

Temos então o luto que constrói uma série e na qual um novo luto nos faz revisitar o conjunto de lutos já vividos, numa experiência que produz efeitos que podem levar à finitude do próprio luto. Essa é a concepção de luto totêmico, canibalista e possessivista, como vimos.

Há também o luto, a exemplo dos ameríndios, que acontece entre dois pontos, mas como infinito, no qual a relação entre os números de uma reta não segue uma regra de previsibilidade. É a 'reta real', na qual o infinito incontável nunca chega a um



Christian Dunker e professores.

ponto final, que não cria o encadeamento necessário para a conclusão de um luto, por exemplo. Dunker apresenta esta leitura como proposta de trabalho que nos leva a refletir e rever sobre o paradigma possessivista do luto e que está presente em textos freudianos como Totem e Tabu, e em Luto e Melancolia. Essas experiências podem ser combinadas com aquelas de luto infinito, não quando se toma canibalisticamente o outro no 'eu', mas quando se dissolve o 'eu'. Aponta para uma outra experiência do 'eu', quando Lacan, por exemplo, fala da mística do século XII, do enigmático gozo feminino e do problema na teoria da identificação para entender o processo pelo qual uma mulher se torna mulher, que é sempre com outras mulheres, assimilando traços de outras mulheres e excluída da natureza das coisas e das palavras, numa incomensurabilidade entre 'eu' e outro, que redefine a diferença fálica entre os sexos, como ex-sistente. Não é redução da expressão na relação eu-você. É o que funda o enigma mesmo do 'eu', fora de seus contornos narcísicos e sociais.

O luto é, portanto, um trabalho no tempo e também um ato. O luto termina quando se diz ao outro: "vai embora". No perspectivismo, pode ser um ato sem 'eu', que desfunda o 'eu', que o desfaz. Trata-se da vivência de experiências de indeterminação, na qual me parece que Dunker nos convida a questionar o risco da redução 'humanista' e excessiva do 'eu' no trabalho de luto que, ao invés de apontar para possibilidades emancipatórias, que o perspectivismo nos auxilia refletir, pode se reduzir a um trabalho de acirramento do narcisismo tão caro aos dispositivos repressivos da nossa atual sociedade.





UNIVERSITY